



PERFIL MOTOR DE UM ALUNO COM DEFICIÊNCIA VISUAL DO PIBID/UNICRUZ/EDUCAÇÃO FÍSICA¹

LIMA, Sabrina de Moura²; SANTOS, Luiz Fernando Pereira dos²; BATISTELLA,
Pedro Antônio³; ROSSATO, Vania Mari⁴; PANDA, Maria Denise Justo⁵

Resumo: Estudo de caso com o objetivo de avaliar o perfil motor de um aluno de dez anos, com deficiência visual, que participa das oficinas de educação psicomotora do Programa de Iniciação à Docência - do PIBID/EDUCAÇÃO FÍSICA/UNICRUZ do Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias do município de Cruz Alta/RS, estudante do 5º ano. O instrumento utilizado para a coleta das informações é a Escala de Desenvolvimento Motor (EDM), que utiliza uma bateria de testes envolvendo motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal/rapidez, lateralidade, organização espacial e temporal. A EDM compreende tarefas específicas para cada faixa etária (2 a 11 anos) em cada elemento básico da motricidade. Para o tratamento dos dados será utilizada a análise descritiva dos dados. O aluno investigado demonstrou estar adequadamente estimulado nas três áreas da motricidade que foram possíveis de serem avaliadas, a motricidade global está adequada a idade ligeiramente superior, o equilíbrio e a organização espacial podem ser mais enfatizados mesmo estando no nível aceitável. O aluno sempre participou de atividades físicas como ecoterapia e natação.

Palavras chave: Deficiência visual. Perfil motor

Abstract: Case study aiming to evaluate the profile of a student ten years motor with visual disabilities who participate in the workshops of psychomotor education program Introduction to Teaching - PIBID / PHYSICAL EDUCATION / UNICRUZ the State Institute of Education teacher Annes Days of Cruz Alta / RS, 5th year student. The instrument used for data collection is the Motor Development Scale (EDM) that uses a battery of tests involving fine motor skills, global motor function, balance, body schema / speed, laterality, spatial and temporal organization. EDM includes specific tasks for each age group (2-11 years) in each basic element of the motor. For data processing, a descriptive analysis of the data will be used. The student has demonstrated to be investigated properly stimulated in the three areas of motor skills that were able to be evaluated, the global motor is suitable for slightly older in age, balance and spatial organization may be more emphasized even though the acceptable level. The student always participated in physical activities like ecoterapia and natação.

Keywords: Visual impairment. Engine Profile

¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID/UNICRUZ/Educação Física com fomento da CAPES e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC

² Acadêmicos do Curso de Educação Física-Licenciatura/UNICRUZ. Bolsistas CAPES/ PIBID/ UNICRUZ. Integrantes do GEPEFE/CNPQ-Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar. fernando290183@hotmail.com ; sabrina-m20@hotmail.com

³ Mestre em Ciência do Movimento Humano. Coordenador e Professor no Curso de Educação Física/UNICRUZ. Integrantes do GEPEF/CNPQ. pab@comnet.com.br ;

⁴ Mestre em Ciência do Movimento Humano. Professora no Curso de Educação Física/UNICRUZ. Bolsistas CAPES. Supervisora PIBID/UNICRUZ/Ed. Física. Integrantes do GEPEF/CNPQ vaniarst@hotmail.com

⁵ Doutora em Ciência da Educação. Prof. no Curso de Educação Física/UNICRUZ. Bolsista CAPES. Coordenadora PIBID/UNICRUZ/Ed. Física. Integrante do GEPEFE/CNPQ. dpanda@ibest.com.br



Introdução

De maneira geral a Educação Física tem como objetivo desenvolver atividades que promovam o desenvolvimento dos alunos em seus aspectos cognitivo, afetivo e psicomotor possibilitando a formação integral do aluno nas diferentes faixas etárias, sendo eles portadores de alguma deficiência ou não.

Com a inclusão social surgiu como oposição a “norma” da exclusão, em seu sentido total, os “diferentes” eram classificados em incapazes e designados para uma vida sem grandes perspectivas. Ainda hoje, na educação existem muitas discussões referentes à inclusão das pessoas com deficiência na escola regular, pois implica numa mudança de paradigmas, causando alterações na prática educativa e desacomodando toda a comunidade escolar.

Esses motivos conduziram a escolha do tema para a pesquisa, e principalmente por acreditar que os alunos com deficiência visual (especificidade da pesquisa) fazem parte da sociedade e que possuem os mesmos direitos que outras pessoas consideradas “normais”. Por acreditar que através da atividade física se pode identificar e corrigir dificuldades que o aluno deficiente visual enfrenta na Educação Física Escolar em relação à atividade física, assim possibilitando-os desenvolver as mesmas capacidades motoras dos outros alunos. Por acreditar que durante as aulas de Educação Física é possível desenvolver no aluno deficiente visual o aspecto afetivo através da interação com os outros colegas nas atividades onde os colegas o guiam e ajuda, nos exercícios e jogos permitindo sentir-se aceito e cada vez mais capaz de descobrir novas experiências motoras e intelectuais.

Então, nas aulas de Educação Física os professores devem criar ambientes motivantes para os alunos, procurando aumentar a autoestima, a socialização, e o desenvolvimento motor por parte das crianças com deficiências, além de criar em todas as crianças hábitos saudáveis voltados para a prática de atividades físicas e motivar o amor ao próximo, oferecendo tarefas desafiadoras que reforcem o envolvimento ativo e a igualdade de oportunidades nas atividades.

E, para que as colocações acima se concretizem é necessário o conhecimento não somente da realidade da escola, mas também do aluno. Sendo assim, este estudo tem a finalidade de determinar o perfil motor do aluno com deficiência visual que participa das oficinas de educação psicomotora do PIBID/Unicruz/Educação Física, para que as atividades



sejam elaboradas e executadas a partir das suas características, possibilidades e necessidades, buscando melhorar os componentes motores do aluno e sua melhor participação na aula.

Desde o momento de sua concepção o organismo humano possui um calendário maturativo, e sofre profundas modificações entre o nascimento e sua idade adulta. As possibilidades da criança de evoluir motoramente variam muito de um indivíduo para o outro. “O movimento e o seu fim são uma unidade e, desde a motricidade fetal até a maturidade plena, passando pelo movimento do parto e pelas sucessivas evoluções, o movimento se projeta sempre frente à satisfação de uma necessidade relacional.” (ROSA NETO, 2002, p. 11). Entre as fases de amadurecimento o estudo irá abordar a terceira infância,

A infância está dividida em três períodos sendo que dos 2 aos 6 anos de idade é chamado período inicial da infância onde o crescimento já não é tão acelerado quanto na primeira infância. O período dos 6 aos 10 anos é o período onde o crescimento mantém um nível constante até a puberdade (GALLAHUE e OZMUN, 2005). As características no desenvolvimento físico e motor das crianças no período da terceira infância, ou seja, dos 6 aos 10 anos apresentam algumas peculiaridades, mas pode ser salientado que “as habilidades perceptivo-motoras estão se desenvolvendo rápido, mas frequentemente existe confusão na consciência corporal, direcional temporal e espacial” (GALLAHUE e OZMUN, 2005, p. 207)

Nesse período as crianças desenvolvem mais rapidamente o controle motor rudimentar, porém o controle motor refinado ainda não está totalmente estabelecido. Desenvolvem uma variedade de habilidades motoras fundamentais como movimentos bilaterais, mas apresentam mais dificuldade nos movimentos unilaterais. As crianças são mais ativas e cheias de energia e preferem mais correr a caminhar e se recuperam em pequenos intervalos de descanso (GALLAHUE e OZMUN, 2005).

As principais habilidades motoras que precisam ser desenvolvidas na infância são: motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial, organização temporal, e lateralidade. Quanto melhor a criança desenvolver as habilidades citadas acima melhor será seu desempenho nas atividades físicas e nos esportes que aprenderão na escola (ROSA NETO, 2002).

No entanto alunos com necessidades especiais necessitam de atendimento adequado e de estímulos específicos para que apresentem condições de resposta em concordância com o que está sendo proposto em termos de aprendizagem.

Com relação à deficiência visual se pode dizer que pacientes com visão subnormal encaixam-se na definição de portadores de “cegueira legal” e a pessoa legalmente cega é



aquela cuja acuidade visual é 20/200 ou menos, sendo que o primeiro número significa que ela precisa estar a 20 pés ou mais próxima de um objeto, usando sua melhor correção ótica, para ter condições de enxergar o que uma pessoa com acuidade visual normal pode identificar a 200 pés, indicado pelo segundo número (BRASIL, 2002).

Existem afirmações de que o desenvolvimento do cego seria idêntico ao do vidente. No entanto, isso não se confirma, os conceitos formados pelo cego são diferentes dos das outras crianças, ou seja, muitas atividades cognitivas são interpretadas diferentemente, dependendo de receptor, mas que nada tem a ver com a vidência. Existem ainda, outros fatores que interferem, como o preconceito, a desinformação, a limitação do espaço físico entre outros (MOSQUERA, 2000).

“O cego necessita tocar nas coisas, nos objetos, para melhor entendê-los ou defini-los. Estas sensações do tato é que vão representar as verdadeiras respostas. Em outros momentos também são utilizados os outros sentidos” (MOSQUERA, 2000, p. 34) Assim sendo, nas aulas de Educação Física, durante as atividades é importante permitir ele tentar por conta própria resolver os problemas, e quando ele não conseguir aí sim o professor deverá ajudá-lo explicando tudo o que há ao seu redor, orientar e incentivá-lo ao mesmo tempo.

As crianças cegas vivenciam varias experiências não visuais no seu dia a dia com os mesmos objetivos biológicos. Nessa fase da infância é fundamental elas receberem o estímulo adequado dos pais o que interferirá diretamente no seu desenvolvimento. Crianças deficientes visuais que são superprotegidas ou abandonadas pelos pais tendem a ter um atraso entre dois e quatro anos em relação às normais, onde só conseguirão compensar este atraso bem mais tarde dos doze aos quinze anos de idade. Este período evolutivo é critico no desenvolvimento dos cegos, se não receberem um tratamento preventivo nesta fase em relação à postura e estética sua percepção corporal poderá ser afetada mais tarde (MOSQUERA, 2000).

A prática de esportes e atividades físicas proporciona ao indivíduo com deficiência a oportunidade de vivenciar seu corpo diferenciado, colocando-o em uma condição de igualdade com os demais (LEMOS, 2003).

É benéfico utilizar a ideia do movimento como forma de expressão e comunicação, servindo para a criança com deficiência experimentar e construir os conceitos acerca do mundo adulto. O movimento que se realiza não envolve apenas segmentos musculares, sendo movido também por sentimentos e emoções (FALKENBACH, 2002).

No entanto, não é apenas o professor de Educação Física que deve utilizar estratégias de inclusão. No campo da educação, a inclusão envolve um processo de reforma e de



reestruturação das escolas como um todo, incluindo além das oportunidades de esporte, lazer e recreação, as práticas de sala de aula, o currículo, a avaliação e as decisões tomadas sobre o agrupamento dos alunos nas escolas. (MITTLER, 2003).

Alguns elementos nesse processo são essenciais, tais como: Todas as crianças devem freqüentar a escola de sua vizinhança, na sala regular e com apoio apropriado; Todos os professores devem aceitar a responsabilidade por todos os alunos, recebendo apoio apropriado e tendo oportunidade para o desenvolvimento profissional; As escolas devem repensar seus valores, reestruturando sua organização, seu currículo e seu planejamento de avaliação. (MITTLER, 2003)

Para o êxito da inclusão, é preciso que se construa uma rede complexa de suportes, de lugares e que se tenha a diferenciação do maior número possível de espaços. Além disso, é necessário que os profissionais desenvolvam sua capacidade de acolher aos alunos indiscriminadamente, com todas as suas individualidades, podendo beneficiar a todos com os efeitos dessa prática (PRESTES, 2003).

O sucesso da inclusão escolar dependerá do desenvolvimento de programas de formação de professores que promovam a aquisição de novas competências de ensino, desenvolvendo atitudes positivas diante dessa situação (CORREIA, 1997).

Uma idéia é que ocorra uma interação constante entre os professores da educação especial e aqueles da educação regular, no sentido de trocar informações e unir esforços a fim de que as necessidades educativas dos alunos possam ser satisfeitas.

Metodologia

Trata-se de um estudo de caso de um aluno com dez anos, com deficiência visual, que participa das oficinas de educação psicomotora do Programa de Iniciação à Docência - do PIBID/EDUCAÇÃO FÍSICA/UNICRUZ do Instituto Estadual de Educação Professor Annes Dias do município de Cruz Alta/RS, estudante do 5º ano.

O instrumento utilizado para a coleta das informações é a Escala de Desenvolvimento Motor (EDM), proposto por Rosa Neto (2002), que utiliza uma bateria de testes envolvendo motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal/rapidez, lateralidade, organização espacial e temporal. A EDM compreende tarefas específicas para cada faixa etária (2 a 11 anos) em cada elemento básico da motricidade.

Para o tratamento dos dados foi utilizada a análise descritiva dos dados.



A pesquisa foi realizada dentro dos padrões éticos conforme propõe a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e é parte do projeto PIBIC submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNICRUZ e aprovado pelo número 721.586 em 27/06/2014.

Discussão dos Resultados

O aluno que foi o objeto desta pesquisa é portador de deficiência visual apresenta as seguintes características:

A gravidez foi normal sem apresentar comprometimento algum. Nasceu de cesariana e pesou 2,900kg. No diagnóstico retirado das informações da escola ele apresenta Microftalmia, Aniridia e Deficiência Limbar. Foi descoberta sua deficiência aos 12 dias de vida, após verificar que o bebê não abria o olho direito. Foi realizado duas cirurgias de transplante de córnea.

Em relação a sua motricidade não apresentou nenhum atraso, pois adquiriu o domínio de engatinhar, sentar, ficar em pé no tempo hábil. Começou a falar com onze meses e andar com um ano e um mês de idade.

No dia 19 de dezembro de 2012 foi realizado com o aluno uma Avaliação Funcional da Visão no INAV – Instituto da Audiovisão onde se diagnosticou Microftalmia, Aniridia e Opacidade Corneana. Foi classificado como portador de cegueira legal e funciona como baixa visão. Durante a avaliação observou-se que:

- Apresenta resposta visual a luz em AO;
- Demonstra sensibilidade a contraste;
- Nomeia cores;
- Mantém atenção visual;
- Sua visão para perto é 20/160 o que significa ver as letras compatíveis a arial negrito tamanho 16 a aproximadamente cinco centímetros de distancia focal. Esta acuidade é obtida letra a letra o que acarreta grande esforço visual.
- Sua visão para longe é de 20/180 a 2 metros de distancia o que o classifica como baixa visão severa para longe. Esta avaliação é feita com tabelas próprias para baixa visão, onde são utilizados letras e números, avaliando principalmente a visão central. Foi sugerida pelo INAV a avaliação em Orientação e Mobilidade (locomoção e orientação) em ambientes externos.



No parecer da avaliação realizada pela psicóloga Fernanda Ribeiro Toniazco e pela técnica em baixa visão Cleidi Batista Favero foi relatado que o aluno utiliza muito bem seu resíduo visual o que permitiu ser alfabetizado através dele. Beneficia-se também do Sistema Braille de leitura e escrita e do uso do computador (Sistema Dos Vox e NVDA), estes programas, através de sintetizadores de voz, lhe permitem ter acesso a todos os programas e a internet. Durante o mesmo parecer foi sugerido uso destes recursos (Braille, ampliado e computador) em sala de aula com o objetivo de viabilizar o acesso à informação e aprendizagem.

Também foram realizadas duas avaliações funcionais da visão nos períodos de 12/09/2005 e 29/04/2008 assinada por Cleidi Batista Fávero, na APADEV – Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Visuais de Caxias do Sul sendo observado o que segue:

Em 12/09/2005:

- Apresenta reação à luz e ao brilho;
- Tem reflexo palpebral ao sol, vento e barulho;
- Adapta-se melhor a luz desde que não esteja dirigida aos seus olhos ou provoque reflexos, pois apresenta intensa fotofobia;
- Apresenta sensibilidade a contraste, principalmente fundo branco com preto;
- Presta atenção às formas, trazendo-as para junto do narizinho;
- Presta atenção ao rosto da mãe, desde que reforçado o contraste (batom nos lábios);
- Presta atenção a padrões complexos em curta distancia (listas pretas de 2 cm de espessura com fundo branco);
- Responde a sorriso bem próximo;
- Reage a cores fortes;
- Mantém contato visual, muito próximo;
- Apresenta resposta visual somente no campo central;
- Localização de luz a 1 metro;
- Reação a cores a menos de 30 cm de distancia;
- Segue luz e objetos em movimento (objetos dependendo o tamanho);
- Observa o movimento das próprias mãos na linha mediana;
- Apresenta coordenação mão-boca, olho-mão, olho-objeto;
- Manipula objetos, examinando-os visualmente (próximo ao narizinho).

Em: 29/04/2008



- Identificação de objetos pequenos (miniaturas) localiza de muito perto pelo tato e traz para junto do olho;
- Identifica símbolos e gravuras. Quanto às gravuras devem ser pequenas (pela restrição de campo) e simples. Quanto aos símbolos, já conhece todo o alfabeto por detalhes características de cada letra (ex: a letra O é fechada e a letra C é aberta, etc...);
- Fixa o olhar em curta distancia e por tempo ilimitado;
- Transfere os objetos de uma mão para outra; examinando-os visualmente;
- Focaliza objetos e realiza o alcance (objetos pequenos tipo logos, a uma distancia de no máximo 30 cm sobre fundo contrastante);
- Focaliza o objeto e se desloca em direção ao mesmo (objeto grande até aproximadamente 1 metro);
- Focaliza objetos pequenos no chão a uma distancia de no máximo 20 cm, deitando-se no chão;
- Explora o ambiente visualmente, caminhando pelo mesmo;
- Realiza busca visual, em distancias variadas, dependendo do tamanho e contraste do objeto;
- Dá e pega (objetos colocados no seu campo visual com bom contraste e bem próximos);
- Pinta livremente, utilizando cores fortes;
- Identifica expressões faciais, rostos familiares e objetos familiares muito próximos.

Como parecer final foi diagnosticado que o aluno vem mantendo um constante desenvolvimento visual respeitando seu resíduo visual e seu ritmo. O trabalho de estimulação visual deve ser continuado e com o objetivo de estimular ainda mais sua funcionalidade visual e, também de prepara-lo para a inclusão escolar. Como sugestões foi proposto atividades que visem estimular a consciência dos objetos no campo visual e favorecer a procura e a exploração visual; discriminação e identificação da cor, forma e detalhe em objetos e figuras de objetos, pessoas e ações; proporcionar atividades viso-motoras para reforçar a coordenação olho-mão e a manipulação através da observação e imitação.

O estudo prossegue com a definição do perfil motor do aluno investigado.



Tabela 1: Idade Cronológica (IC) e Idade Motora de Motricidade Global (IM2); Idade Motora de Equilíbrio (IM3); Idade Motora de Organização Espacial (IM5):

IC	IM2	IM3	IM5
120	132	96	108

Analisando os resultados do aluno pesquisado expressos na tabela acima onde estão os resultados das áreas individualmente pode-se observar que em relação à motricidade global o aluno apresenta um resultado superior a sua idade. O que leva a crer que nesta área o aluno teve estímulos adequados durante sua vida.

Já na área do seu equilíbrio o aluno apresentou um resultado inferior a sua idade estando no limite aceitável conforme o instrumento de pesquisa utilizado que é de uma diferença de no máximo 24 meses. Esta área merece mais atenção, sugere-se um maior estímulo para melhorar seu desenvolvimento, pois a sua defasagem esta próxima do limite.

Em relação a sua organização espacial o aluno apresentou uma diferença de 12 meses em relação a sua Idade Cronológica estando ainda dentro da normalidade podendo ser mais estimulado visando alcançar um maior desempenho.

A formação profissional na área de educação física evoluiu muito nos últimos anos, a inclusão pode ser vista como “um motivo que levará ao aprimoramento da capacitação profissional de professores, constituindo uma ferramenta para que a escola se modernize em prol de uma sociedade sem espaço para preconceitos, discriminações ou barreiras sociais”. LIMA e DUARTE, 2001, p. 21). Entretanto, não se pode esquecer a questão da qualidade. Para que o movimento de inclusão nas escolas seja levado adiante com êxito, é preciso a coesão e a disposição de todos os segmentos, inclusive dos próprios alunos. Incluir sim, mas com qualidade. Essa deve ser a premissa maior do processo.

As atividades oferecidas para a criança com deficiência visual de forma lúdica, assim como para quaisquer outras crianças, podem ajudá-la na exploração do meio que a cerca, no desenvolvimento motor e no auto-conhecimento. Segundo a autora, essa forma lúdica de se ensinar uma criança cega pode fazer com que o seu desenvolvimento ocorra de forma semelhante àquela classificada como normal (BAUMEL, 1990).

A visão residual favorece alguns aspectos motores como o desenvolvimento da postura, do equilíbrio, da orientação espacial e da lateralidade. Entretanto, ressalta também que estímulos adequados para crianças com perdas totais congênicas da visão podem minimizar os atrasos no desenvolvimento, desde que sejam oferecidas experiências



motivantes, seguras e adequadas. Segundo o autor, crianças com deficiência visual podem apresentar uma aptidão física mais precária, porém a ausência da visão não é o fator determinante para tal situação. Os fatores fundamentais incluiriam a prontidão muscular, a utilização dos demais sentidos e a presença ou restrição de oportunidades de movimentos (CARMO, 2001).

Considerações Finais

O aluno investigado demonstrou estar adequadamente estimulado nas três áreas da motricidade que foram possíveis de serem avaliadas, a motricidade global está adequada a idade ligeiramente superior, o equilíbrio e a organização espacial podem ser mais enfatizados mesmo estando no nível aceitável. O aluno sempre participou de atividades físicas como ecoterapia e natação.

No decorrer da pesquisa foi possível perceber que a diferença e a diversidade estão ganhando ênfase, neste sentido, a inserção dos alunos com deficiência visual no ensino regular para o êxito da inclusão, é preciso que se tenha um maior acesso nas escolas, uma melhor formação para os professores e uma interação entre os alunos ditos "normais" e os deficientes visuais.

Nesta linha, para contribuir a evolução na integração dos deficientes visuais a área da Educação Física pode identificar e retificar dificuldades dos alunos, em relação à atividade física aperfeiçoa as capacidades motoras dos alunos, e através das aulas desenvolve o aspecto afetivo, a interação com os colegas nos exercícios e jogos eles se sentem aceito e assim podendo descobrir novas experiências motoras e intelectuais.

Entretanto, o professor de Educação Física não é apenas o que deve dispor de estratégia da inclusão, na educação envolve um processo de reformação e de reestruturação das escolas como um todo, e todos os professores independente da matéria deve oportunizar a integração dos alunos deficientes visuais com toda a turma.

Sendo assim, é necessário que compreendamos o outro é necessário que compreendamos a nós mesmos e ao mundo que nos rodeia, só assim podemos estabelecer uma relação de contribuição com o outro, o que é essencial no desenvolvimento do trabalho com indivíduos em condição de deficiência visual.



Referências

BAUMEL, R.C.R.C. **Habilidades dos professores dos portadores da deficiência visual.** 1990. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRASIL. MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. **Caderno texto do curso de capacitação de professores multiplicadores em educação física adaptada/ Secretaria de Educação Especial.** Brasília: MEC: SEESP, 2002. 161 p.

CARMO, A.A.C. **Educação física e inclusão escolar: em busca da superação dos limites da adaptação.** Conexões: educação física, esporte, lazer, Campinas, 2001

CORREIA, L.N. **Alunos com necessidades educativas especiais nas classes regulares.** Porto: Porto, 1997.

FALKENBACH, A.P. **A educação física na escola: uma experiência como professor.** Lajeado: UNIVATES, 2002.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor bebês, crianças, adolescentes e adultos.** 3.ed. – São Paulo: Phorte, 2005.

LIMA, S.M.T.; DUARTE, E. Educação Física e a escola inclusiva. In: **SOBAMA. Temas em educação física adaptada.** Curitiba: UFPR, 2001

LE MOS, E.F. **O princípio da inclusão: um elemento da metodologia das aulas de educação física.** Integração, Brasília, v.14, p. 14-22, 2003. Edição Especial.

MITTLER, P. **Educação inclusiva: contextos sociais.** Porto Alegre: ArtMed, 2003.

MOSQUERA, Carlos. **Educação física para deficientes visuais.** Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

PRESTES, I.C.P. A ética na inclusão escolar da pessoa com necessidades educativas especiais. In: **JORNADA DE PESQUISADORES: deficiências: interconexões criativas,** 2, 2003, São Paulo. Resumos... São Paulo: Sociedade de Psicologia de São Paulo, 2003. p.54.

ROSA NETO, Francisco. **Manual de avaliação motora.** Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.